

RONDA ARTISTICA

"O ESCRITURÁRIO" E "VIAGEM FELIZ DE TRETON A CAMDEN"

Com o mimodrama em 1 ato de Luiz de Lima, "O Escriturário" e a peça de Thornton Wilder, "Viagem feliz de Treton e Camden" a Escola de Arte Dramática de São Paulo chega ao fim de sua temporada em nossa Capital. Quando para essas vislumbrações um roteiro essencialmente honesto e limpo. Essa burra bandeirante, avessa ao estropeio, aos efeitos fáceis, à propaganda pessoal, impôs-se pela seriedade com que encara a arte cênica e pela representação exata e simpática. Que voltem algum dia.

"O Escriturário", mimodrama de Luiz de Lima, inspirado em um conto de Melville, romancista norte-americano no século passado, autor de "Mob Dick, a baleia do mar" (livro que conseguiu êxito depois de muitos anos da morte do autor), e a "Viagem feliz de Treton", constituem dois extremos e ao mesmo tempo possuem uma feição característica e comum; enquanto o primeiro é um drama surrealista de técnica supinamente original e sugestiva, a segunda é uma comédia com aspectos de farsa, também de técnica original embora não tanto sugestiva. "Viagem feliz", como "Nossa cidade" ocupam lugar original no panorama do teatro americano. Thornton Wilder faz do teatro o que Edgar Allan Poe fez da poesia no "Córvo": um despendimento de exterioridades para revelar o arcabouço. Mas, ao passo que Poe destrói (o mito da inspiração), para construir mundos sólidos e imagens vivas, Thornton destrói

para alcançar maiores efeitos de comédia ou mesmo, no intuito de devassar perspectivas. Quando Poe como que dispensa um esforço imaginativo do leitor, Wilder reque imaginação aguçada por parte do espectador. Um e outro têm valor.

Voltando ao mimodrama de Luiz de Lima temos a ressaltar logo seu caráter surrealista e quando se diz surrealista já se falou de mundos atmosféricos e de simbolismos. A peça de Luiz de Lima obedece, positivamente ou não, a certos postulados arguidos por Breton no seu manifesto e, coloca-se na linha das realizações dos surrealistas franceses, de um "Orfeu" de Cocteau, por exemplo. Luiz de Lima soube mover com perleia os elementos escolhidos e conseguiu criar um mundo admirável. Pode ser que exageremos ou talvez o homem sem grandes ideais? E Bartolomeu, envolvido pelo mistério

da vida, bem pode significar os obstáculos que mais dia menos dias vem se interpôr à felicidade relativa; e a viuva nos falou do ideal que surge, bota cores na existência, dá ilusão à personalidade... e some, levando tudo que nem água de rio carregando flores. Mesmo os funcionários, os parentes e os guardas tiveram a sua significação: a rotina com suas variações mesquinhas, a ambição e a ordem coasiva. E verdade que estamos tirando do surrealismo a sua condição essencial de disponibilidade e pureza artística, mas aqui não estamos sozinho; há autoridades na escola que pensam como nós.

A direção geral da peça esteve ao encargo do autor que conseguiu boas soluções: ilusão de perspectiva dada pela posição dos personagens, como na parte da entrada, em cena, dos guardas; marcação bem dada e orientação característica. Luiz de Lima nos entusiasmou. Quase nos esquecíamos dos efeitos de luz que apenas se viram prejudicados. Às vezes, pela fumarada de cigarros vinda dos bastidores. A música do decanfônico de Souza Castro emprestou auxílio imprescindível à peça. Arquitetura cênica de Badia Vilató e figurinos de Hercules Bazzotti à altura.

A interpretação, surpreenderia se já não nos estivessemos acostumados ao elenco. A mímica do corpo e do rosto, dispensa comentários. Luiz de Lima (o notário), Geraldo Mateos (Bartolomeu),

Jorge Andrade (Peru), Emílio Fontana (Tessoura), Jorge Fischer Jr. (Pé-de-Moleque), Marly Bonança (a viuva vibrante), Flora Basaglia, Maria Magdalena, Libero Ripoli Filho (os parentes), Eduardo Waddington, Vicente Cioffi e Gustavo Pinheiro (os guardas exatos) formaram o "cast" sem altos e baixos. Plano e quase brilhante.

"Viagem feliz de Treton a Camden", dirigido por Donald Robinson, americano que esteve em São Paulo, contou com Jorge Fischer Jr. no papel de Arthur, rapaz ingênuo e com gestos típicos; Flora Basaglia (mãe Kirby) interpretou bem a tagarelíssima senhora de Elmer (Jorge Andrade). Ainda Maria do Carmo Bauer (Beulah) e Geraldo Mateos (diretor de cena).

Que a Escola de Arte Dramática tenha longa existência, seguindo esse caminho de estudo, critério e honestidade.

José Nilo Tavares

x x x x

Hoje, no Conservatório Mineiro de música, o esperado Teatro de Arena, no qual o palco é disposto em forma de arena, ficando os atores rodeados pelo público.

WILF/LO